

# UM OLHAR DE AFETO SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA

Modalidade: ACERVO DE MEMÓRIAS<sup>1</sup>

**Telma Maria Ferreira MATOS**

Licenciada em Ciências com Habilitação em Biologia pela Universidade do Estado da Bahia

## INTRODUÇÃO

Neste trabalho apresento aspectos da minha prática pedagógica, vivenciada durante o Estágio Supervisionado para conclusão do Curso Licenciatura em Ciências com Habilitação de Biologia, na Universidade do Estado da Bahia - Campus II.

## O ESTÁGIO

O Estágio Supervisionado foi realizado no Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães, na cidade de Alagoinhas-BA, numa turma de 48 alunos do 3º ano do Ensino Médio - Formação Geral, no turno matutino, no semestre 2003.1. Nessa prática pedagógica, ministrando a disciplina Biologia, busquei realizar um estudo sobre: Como seduzir os alunos utilizando a afetividade?

Utilizo contexto da sala de aula para valer-me das situações de jogo de poder, inserção de limites, com a autoridade necessária do docente. Mas, como usar a autoridade com afetividade?

Chalita (2001) trata da estratégia do professor através da cumplicidade entre querer ensinar e se permitir aprender. Dessa forma questiono a maneira de como o docente poderá desenvolver essa estratégia pedagógica.

Absorvida por toda essa reflexão, cheguei vestida de professora numa turma de jovens barulhentos, que entravam e saíam da sala ignorando minha presença. Iniciei a regência, insegura e timidamente, pela inexperiência e devido ao momento pessoal que vivenciava. Contudo o fracasso da primeira aula não me desanimou, apesar de ter ficado perdida, pois sentia um carinho pelos alunos, assim prossegui.

Em minha segunda aula arrumei a sala em semicírculo, fechei a porta e usando transparências e o quadro iniciei a exposição do tema. Porém, mesmo com a intervenção da professora-regente só alguns, poucos, alunos participavam. Num impulso, tomei a primeira atitude que me ocorreu. Parei a aula e indaguei o que eles queriam, pois estava ali para realizar um trabalho onde não só eu seria avaliada, mas eles também, e estava aberta à sugestões. Não obtendo resposta, finalizei a aula marcando avaliação do assunto interrompido para a próxima aula. Embora alguns reclamassem, isso não alterou o interesse da turma.

Encontrava-me impotente e acabara de entrar no jogo do poder. Todas as teorias, técnicas e recursos didáticos não me subsidiavam naquele momento. Perguntava-me: Como conquistar aqueles jovens?

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado na disciplina EDC 960 - Estágio de Biologia, ministrada pela professora Valdecí dos Santos, semestre 2003.1, Universidade do Estado da Bahia - Campus II / Alagoinhas.

Adotei uma atitude punitiva, mas o fato é que a turma acalmou-se. Passaram a acomodar-se na sala, fazer as atividades e participar das aulas. Após reflexões constatei que não podia fazer muito, pois a turma não era minha e o período de estágio é curto, inviabilizando maiores projetos. Mas, à medida que a unidade evoluía, a relação professor-aluno intimizava-se. E os nossos encontros na sala, biblioteca, sala de vídeo e nas áreas da escola, tornava-se mais agradável.

Aproveitei esses momentos para conhecer melhor cada um, individualmente, e sentia-me desafiada a fazer um bom trabalho com eles que me conquistaram (CHALITA, 2001; KUPFER, 2000; ROSSINI, 2001).

## CONCLUSÃO

Ao finalizar o estágio, triste, pois o rendimento fora baixo, fui surpreendida por uma manifestação de afetividade. Os alunos organizaram uma despedida na sala de artes com torta, refrigerantes, som, fotos, declarações afetuosas e até proferi discurso, a pedido deles. Foi muito emocionante principalmente quando uma aluna, que se sobressaía nas brincadeiras em sala, fez um pedido de desculpas em nome da turma.

Percebi que mesmo desajeitada, toquei em algo no coração dos alunos. A escola precisa ser um local de prazer, de alegria e de troca entre educador e educando. Não podemos tratar os alunos como arquivos de informações e esperar o resultado exato nas avaliações. Chalita (2001) afirma que,

O aluno tem de ser amado, respeitado, valorizado. O aluno **não é uma tábua rasa, sem nada, em que todas as informações são** jogadas. Não é um carrinho vazio de supermercado em que alguém coloca o que bem entende, e o carrinho vai agüentando tudo o que nele é jogado. Ao contrário, o aluno é um gigante que precisa ser despertado.

Na minha experiência, perdi o controle da turma por não saber usar a autoridade e pelo fato de não estar no poder de professor regente. Mas, mesmo assim, ter atuado com afeto possibilitou aos alunos uma oportunidade de pensar sozinhos. Já que segundo Freud ouvirão e aproveitarão o que lhe ensinam de acordo com as suas necessidades.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHALITA, Gabriel Benedito Isaac. **Educação: a solução está no afeto**. São Paulo: Gente, 2001.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. **Pedagogia afetiva**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

KUPFER, Maria Cristina Machado. **Pensamentos e ação no magistério** Freud e a educação: o mestre do impossível. 3. ed. São Paulo: Scipione, 2000.

MATOS, Telma Maria Ferreira. Um olhar de afeto sobre a prática pedagógica. In: **Revista Metáfora Educacional** (ISSN 1809-2705) – versão *on-line*, n. 2 (jul. - dez. 2005), Feira de Santana, dez./2005. p. 31-32. Disponível em: <<http://www.valdeci.bio.br/revista.html>>. Acesso em: DIA mês ANO.